

## PORTUGUESES NOS PRIMEIROS CONHECIMENTOS DOS TRÓPICOS

---

*Gilberto Freyre*

Na obra de conhecimento de terras, culturas e populações africanas, orientais, americanas, ainda virgens de olhos europeus, destaque-se que sábios, homens de estudo, ou simples observadores portugueses, salientaram-se por uma série de trabalhos pioneiros que abriram, ou amaciaram o caminho, a trabalhos de outros europeus. Foram eles grandes orientalistas e, sobretudo, tropicalistas dos séculos XV ao XVII.

A sua obra, a de holandeses, de franceses, de ingleses acrescentou sistematização do disperso e exatidão do pormenor. Mas não excelência, nem vigor nos traços decisivos de caracterização ou de revelação da natureza ou das culturas ou das populações tropicais. Não se aponta livro nenhum, de inglês ou flamengo ou francês ou italiano ou alemão que tenha ultrapassado, em poder de revelação pioneira não apenas literária, mas psicológico e, até, sociológica, do Oriente pelo Ocidente, a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto: obra do século XVI, na qual se tem retificado muito descuido de data, de nome, de sequência cronológica; muito exagero de dramatização, mas quase nenhuma inverdade essencial. O mesmo é certo da caracterização dos sistemas hidrográficos da África Austral, que o português Duarte Lopes traçou em 1500: obra que vem sendo aperfeiçoada, corrigida e ampliada por numerosos e pachorrentos especialistas europeus, em muitos dos seus detalhes e em várias das suas deficiências. Mas, até hoje,

viva no conjunto do seus traços incisivamente reveladores de uma África, até os portugueses, de todo ignorada pela Europa.

Como até hoje viva, em sua relevação dos trópicos à ciência européia, continua o tratado botânico de Garcia de Orta, cuja virtude de obra clássica se junta à do viajante que primeiro revelou aos europeus a configuração das águas da África do Sul e à do orientalista, até hoje, difícil de ser classificado — tal a complexidade da sua *Peregrinação*. Ou às páginas em que Antônio Vieira retrata homens e coisas do Brasil no século XVII, como expressões do poder português de caracterizar aspectos ainda virgens da natureza e dos homens exóticos ou tropicais. Do maior desses escritores antigos foi, na verdade, uma espécie de antecipação à «procura do tempo perdido», de Proust, pelo que acrescentou, a uma autobiografia desembaraçada de preocupações de rigor cronológico, de descrição e caracterização de homens, grupos e lugares não só diversos como, em diferentes épocas ou situações, alguns deformadores do que parecia fixo em certas personalidades. Inclusive a personalidade do próprio narrador que, se omite o período de exaltação mística em que deixou de ser homem do mundo para tentar ser Jesuíta, fascinado pelo exemplo e pela figura do Padre Francisco — Francisco Xavier — não esconde, nem diminui, essa fascinação, deformadora de sua personalidade de aventureiro comercial. Pois de Fernão Mendes Pinto pode-se dizer que o contrário de Rimbaud: nele, Fernão, a aventura comercial nos trópicos precedeu a aventura de criação literária: arrojo já de velhice.

Aqui se salientam só pioneiras obras típicas de orientalistas e tropicalistas que estão na literatura, não apenas portuguesa, mas mundial, como reveladoras de trechos de natureza ou de cultura humanas desvirginados pela audácia, pela inteligência ou pela ciência lusitana. Destaque-se deles serem estudados hoje, em cursos sistemáticos.

Fernão Mendes Pinto é mais conhecido, e começa a ser mais estimado por alguns, como valor literário de sentido universal, maior do que o do próprio Camões, prejudicado por excessivo nacionalismo. Garcia de Orta e Duarte Lopes são autores, senão científicos, paracientíficos, já traduzido do português a várias outras línguas, por serem, cada um a seu modo, autores repre-

sentativos daquele orientalismo ou daquele tropicalismo para o qual o gênio português, sempre se inclinou, com amoroso gosto de compreensão e não, apenas, fome de pitoresco ou de exótico.

Vários são na língua portuguesa os autores dos séculos XV ao XIX, de menos vigorosa ou fluente expressão literária, que os aqui destacados, mas de quase igual importância — importância, talvez se pudesse dizer, sociológica — como orientalistas e, sobretudo, tropicalistas: primado que o português só no século XIX e no atual parece ter perdido quase de todo para autores de língua inglesa, holandesa ou francesa.

Mesmo no século XIX, após longo período de depressão vinda do século anterior, deu-se, na literatura portuguesa, uma como revivescência do tropicalismo — tropicalismo no sentido de tema ou centro de interesse estético, científico, humano e não no pejorativo, de modo ou forma sublitéria de expressão — de que sobrevivem páginas marcadas pelo vigor moral ou literário dos velhos tempos. Entre estas páginas, as do Conde de Ficalho, as de Tomás Ribeiro, as dos exploradores do tipo de Serpa Pinto, Capelo e Ivens; e as de Oliveira Martins, as de Mousinho de Albuquerque, as de Antônio Ennes. Umas um tanto desviadas da melhor tradição portuguesa de tropicalismo, pelo excesso de acídia crítica. Outras por certo pendor para uma afirmação de superioridade européia sobre as populações tropicais, de sabor antes germanicamente etnocêntrico ou anglo-saxonicamente imperialistas, que autenticamente portugueses.

Mas páginas, mesmo assim, de extraordinário vigor literário ou de forte sentido social. De Antônio Ennes, talvez se encontre a inspiração do tropicalismo literário — literário e sociológico — de Euclides da Cunha. É um confronto a fazer-se.

Do século XV restam-nos as crônicas de Azurara, ou Zurara, que à vivacidade de expressão juntam, antes de qualquer outro escritor voltado para as aventuras portuguesas nos trópicos, junta certa doçura lusitana para com a gente e as coisas africanas que faz um crítico da acuidade do Professor Hernâni Cidade destacar, no velho cronista uma «humaníssima simpatia». Um humanismo tal e tão superior a considerações de raça que, ainda no século XV, já se adiantava esse extraordinário Zurara a repelir

como inumana a escravidão, naqueles dias, tranquilamente normal entre europeus, por mais cristãos.

Do século XVI são numerosos os documentos da capacidade portuguesa para a observação não apenas científica ou paracientífica, mas literária e arbitrariamente amorosa — tocada às vezes de humaníssima simpatia das terras e gentes tropicais ou orientais. Tal a carta de Pero Vaz de Caminha. Tais as crônicas ou relações ou roteiros, é possível que uma e outra vez prejudicados por exagerada adesão à política de terrorismo militar de Albuquerque — de João de Barros, de Gabriel Soares de Souza, de Gandavo, de Frei Cristovão de Lisboa. Como já salientou no cronista Barros o Professor Hernâni Cidade, em suas narrativas ou comentários «se não manifesta qualquer parcialidade de raça», revela a de nação — a portuguesa — e a de fé — a cristã. As vezes, muita. Mas de raça, raros aqueles portugueses que como certo Aranha, do Maranhã, no século XVII, se proclamassem, de público, intransigentemente de raça branca, contra as de cor.

Vários destacam de mouros ou árabes, rasgos de altivez. Doutos, salientam alguns, a lealdade ou a nobreza de atos ou façanhas. Encontra um, em meninos pretos do Senegal, aptidões para sacerdotes ou padres. Sempre — ou quase sempre — ânimos cristocêntricos, de amor a Portugal cristão, transbordam de tropicalistas ou orientalistas portugueses do século XVI em mais de uma página. Mas raro, dentre eles, o que não juntasse a esse amor, outro, igualmente forte, por gentes e terras que, de início, quase todos sentiram suas, não pela força de conquista militar ou de astúcia econômica, mas por súbita afinidade entre eles e os naturais dessas terras, entre eles e a natureza dos trópicos.

Há quem atribua a simpatia que de repente ligou o português aos trópicos e ao Oriente ao fato de ele ser europeu meridional e, como bom meridional, amigo daquelas aparências e formas pitorescas de vida que «prendem o sentido»: principalmente a cor. A «vária cor que os olhos alegrava», a que Camões se refere. Não somos, entretanto, dos que ligam esse gosto pela cor, tão vivo no português, da era das descobertas — que foi uma era de idílio tão volumoso com os trópicos — à sua simples condição de europeu meridional. E, sim, ao fato de sua situação especialíssima de meridional, que, como o espanhol de várias

regiões da Espanha, como o veneziano, como outros europeus do Sul, há longo tempo tinha recebido do mouro ou do árabe decisiva influência no sentido daquele gosto. E o sol, a luz, o clima de suas terras favoreciam nele, o pendor para as cores e formas como que festivas de vida e de cultura nos trópicos.

Mas a esses elementos naturais de predisposição, juntava-se decisivamente o cultural, de longo e íntimo convívio com um mouro e, também, com um israelita, que não sabiam separar nem do gosto da vida nem do próprio serviço de Deus único, o gosto pela cor litúrgica e não apenas volutuosa. Uma ciência — para não dizer, somente uma arte — a da cor, em que árabes e judeus parecem ter-se adiantado aos gregos, cujas obras-primas acusam certa aridez no conhecimento da «vária cor».